

“FAZER CINEMA NUNCA É E NUNCA SERÁ UMA TAREFA FÁCIL”

Entrevista com
Cícero Filho
por **Herasmo Braga**

Nascido em Poção de Pedras, Maranhão, mas radicado em Teresina, Piauí, o cineasta **Cícero Filho** escreveu e dirigiu os filmes *Flor de Abril* (2011); *Ai que vida!* (2007); e *Entre o Amor e a Razão* (2006).

Herasmo Braga - Quando e como se deu o início da sua aproximação com o cinema?

Cícero Filho - Fazer cinema nunca é e nunca será uma tarefa fácil. Nasci e fui criado na cidade Poção de Pedras, no estado do Maranhão, a cerca de 320 Km de São Luís. Faço filmes desde os doze anos. Sou graduado em Comunicação Social / Jornalismo pela Faculdade Santo Agostinho de Teresina, PI. Fiz Jornalismo, pois foi à coisa mais próxima que encontrei de cinema. Comecei às escondidas, usando a filmadora JVC M9000 de meu pai. Pegava a máquina e saía para a rua para gravar, na verdade, me divertir com a criançada da rua Manoel Máximo, onde moram meus pais até hoje. Desde esse tempo, acumulo em meu currículo mais de vinte produções. No começo, os meus “filmes” não tinham roteiro, apenas ideias que iam surgindo. Sempre fui uma espécie de louco, por viver intensamente tudo o que penso. As minhas atitudes chegavam a ser surreais. Por causa disso, lembro que, quando criança, muita gente me chamava de louco e de vagabundo, além de outros termos

chulos. Sempre fui o pior aluno da sala. Não porque não estudasse, mas por estar “fora do ar”, sempre pensando em coisas voltadas ao cinema. Gostava de matar aula para assistir filmes na televisão. A literatura era uma de minhas matérias preferidas, além de outros assuntos voltados para a arte. Se tivesse algo a ver com a arte, lá estava eu. Iniciei no cinema de maneira informal, totalmente autodidata, e aos poucos fui buscando conhecimento teórico e técnico a fim de melhorar minha forma de fazer cinema.

Em que momento ou circunstância o levaram a sair da condição de espectador de filmes para a produção deles?

Eu entendo que isso aconteceu a partir do momento em que fiz o meu primeiro curta, “As aventuras do superfilho”, onde tive de produzir, dirigir e atuar. Quando vi o resultado final, as cenas, os efeitos, eu fiquei fascinado, então disse a mim mesmo: “é isso, Cícero Filho, que você fará pro resto da vida”.

Quais as dificuldades iniciais nos seus trabalhos e as sensações depois de realizá-los?

As dificuldades iniciais foram as maiores possíveis. Tempos atrás não havia as facilidades de hoje, como a internet, ou mesmo livros sobre a sétima arte, ainda mais na cidade de Poção de Pedras, que nem biblioteca tem. Eu aprendi a fazer cinema, fazendo cinema. Assim como dirijo, eu também escrevo minhas histórias. No caso do filme *Ai que vida!*, escrevi o roteiro em setembro de 2005, após finalizar uma outra produção, o drama *Entre o amor e a razão*. O *Ai que vida!* foi sem dúvidas um dos meus mais loucos pensamentos. Escrevi o roteiro enquanto viajava de ônibus do Piauí ao Maranhão. O curioso é que só dentro dos ônibus é que surgiam ideias, os diálogos dos personagens, que, diga-se, eram cada um mais louco que o outro. Criei o nome *Ai que vida!* após compor a música-tema do filme. Era uma tarde de verão, muito quente, muita

gente dentro do ônibus. Comecei a cantarolar, mesmo sem saber o que significava aquilo. Cantava “ai que vida, ai que vida, essa minha louca vida, ai que vida...”. Sempre viajo para minha cidade. Todo final de semana, se possível, estou por lá, com a minha família. Saio de Teresina rumo ao interior, dentro desses ônibus e acompanho as histórias dessas pessoas simples, engraçadas, sofridas, gente brasileira que enfrenta verdadeiras batalhas, enfim, guerreiros! Peguei tudo isso e fui montando, levei vários meses pra finalmente começar a montar a história tema do filme. Só sei que o mesmo foi feito pra mostrar de forma real a dura realidade do Nordeste, em especial minhas localidades do Piauí e Maranhão, estados que vivo e convivo. Gosto do que faço, e a cada filme finalizado fica a sensação de não ter feito nada ainda. Acho que sempre poderia ser melhor.

Entre as suas influências quais as mais o marcaram? Por quê?

Gosto do cinema de autoria. Não tenho muitas influências. Faço cinema da forma como eu acho que consigo. Meu foco principal está na narrativa. Ser convincente com aquele que está no roteiro, digo, de forma visceral.

Em relação à crítica cinematográfica contemporânea, como você a avalia? Ela exerce alguma influência no seu trabalho?

Não, de forma alguma.

Em relação a outros novos bons cineastas como você, quem você destacaria? Por quê?

Gosto Afonso Poyart, que dirigiu o filme *2 Coelhos*. É um filme de ação brasileiro bem da hora. Tem também o José Padilha, dentre outros. Esses novos cineastas estão trazendo ao nosso cenário audiovisual uma modernidade e agilidade. O cinema precisa se reinventar sempre.

Como você avalia as receptividades dos seus trabalhos? Há algo que você aproveitou delas?

Eu avalio com naturalidade. A primeira coisa que avalio quando projeto um filme é ver a reação das pessoas, se elas estão de fato conectadas com a história, se lhes é interessante a ponto de discutir as ações, de imergir o espectador naquilo que propus com a obra. Já recebi críticas devastadoras nos meus primeiros filmes, muitos até diziam que eu não tinha futuro no cinema, mas nunca me importei com isso, pelo contrário, busquei sempre absorver as críticas construtivas e me capacitei pra melhorar a cada produção. Cinema é orgânico, e se você não acompanha o público, então está fora de si.

Quais as possíveis diferenças que você consegue estabelecer entre seus trabalhos com longas como *Ai que vida!*, *Entre o amor e a razão*, *Flor de abril* e agora o média metragem *Cão chupando manga*?

A cada filme novo eu procuro adentrar por novas linguagens. É legal para mim, como profissional, transitar por todos os gêneros. Não me ateio à ideia dos limites criativos.

Em *Entre o amor e a razão* e *Flor de abril*, você, de certa forma, explora a temática dramática. É algo que te agrada nos filmes de uma maneira geral?

Eu gosto de experimentar novas linguagens e gêneros. O cinema é uma arte híbrida, que me possibilita contar histórias das mais variadas formas. Gosto da linha dramática e romântica, me identifico bastante. O meu filme predileto é o drama *Entre o amor e a razão*. Estamos vivendo, no cinema como um todo, o sufocamento do drama pela comédia. Não sou contra a comédia, mas acho que devemos assistir a mais filmes do gênero dramático e realista, pois nos dá mais noção de realidade. As pessoas veem a mim e falam que assistiram aos dois filmes, que choraram bastante, e criticam sempre o final, me culpam pela

morte dos protagonistas. Acho até engraçado. Não me sinto culpado ao ver meu protagonista morrer, corro riscos, tenho consciência disso, mas na vida real as pessoas morrem.

A Literatura, de alguma maneira, contribui para a criação e desenvolvimento dos seus filmes?

Acredite, eu leio pouco. Sou mais observador que leitor. Tenho grandes problemas quando o assunto é concentração e leitura. Venho me esforçando para ler, e de uns tempos para cá, tenho obtido êxito. A leitura amplia horizontes, melhorando a escrita e me dando a oportunidade de conhecer novas palavras. Ela contribui bastante na construção do roteiro escrito.